

atlas de **RELACÕES INTERNACIONAIS**

N.º 13

O CANADÁ NO MUNDO AMERICANO

THEREZINHA DE CASTRO

- Aspecto Geoeconômico. 2 — Formação Histórica 3 — Problemas Políticos Atuais 2

A TUNÍSIA INDEPENDENTE

DELGADO DE CARVALHO

- 1 — Feições Geopolíticas. 2 — Gêneros de Vida. 3 — Evolução Econômica. 4 — História do Passado. 5 — O Tempo Presente. 6 — Descolonização 9

OS “SETE PAÍSES” BASCOS

THEREZINHA DE CASTRO

- 1 — Os Pirineus. 2 — O Enigma Basco 3 — O País Basco 14

A COLÔMBIA E SUA TRADIÇÃO POLÍTICA

DELGADO DE CARVALHO

- 1 — Feições Geopolíticas 2 — Aspectos Geoeconômicos. 3 — Evolução Histórica. 4 — A Última Década 18

CADERNO ESPECIAL DA REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA

ANO 32 — N.º 1

O Canadá no Mundo Americano

THEREZINHA DE CASTRO
Geógrafa do IBG

1 — Aspecto Geoeconômico

O Canadá, com seus 9 959 401 km², é o maior país da América e o *segundo em extensão do mundo* depois da União Soviética. Estende-se de leste a oeste, ou seja, *do Atlântico ao Pacífico*, por sobre 4 830 km; limita-se com o *Alaska e Estados Unidos*.

Observando-se o mapa do Canadá, vemos que seu território é povoado por *numerosos lagos e rios* que abrangem uma área de 610 410 km²; são várias também *as ilhas* ao longo de suas costas e, mui especialmente no norte, onde se agrupam através de labirintos de canais, estreitos, golfos e baías. Só esse *arquipélago ártico* atinge uma área calculada em 1 295 000 km², correspondendo em extensão, mais ou menos, ao estado brasileiro de Mato Grosso (1 254 821 km²).

O norte canadense lembra o *ambiente polar*; durante oito meses a região permanece coberta de neve; os termômetros descem a 48 graus abaixo de zero e nas máximas não ultrapassam os 26 negativos. É pequena a densidade demográfica, povoando a região *grupos esquimós* vivendo da caça de animais de peles raras e pesca da foca, realizadas sempre no inverno. Esses esquimós, de vida nômade e bastante primitiva, deslocam-se desde o Yukon na fronteira com o Alaska, até a península do Labrador no Atlântico.

Nos territórios do Noroeste e Yukon, banhados pelo oceano Glacial Ártico, a vegetação é constituída pela *tundra* (musgos e líquens) nos chamados "*barren lands*", que significa terras desnudas. *Dawson*, capital do Yukon, é das mais importantes cidades localizadas nas proximidades das terras polares.

Bem fria também é a *região central*, batida pelos ventos gelados que vêm do norte, canalizados pelas *montanhas Rochosas*, para *Alberta, Shaskatchewan e Manitoba*. A média de

temperatura no inverno oscila entre 12 e 20 graus abaixo de zero. É este o domínio da *taiga*, representada por bosques de coníferas que tornam o país grande produtor de madeira; trata-se de *uma das mais importantes reservas florestais do mundo*, sendo suas árvores caracterizadas pelos troncos gigantescos apresentando em média 90 metros de altura por 3 metros de diâmetro.

As grandes toras de madeira são transportadas pelas águas dos rios, especialmente do Shaskatchewan e Mackenzie, à semelhança do que se faz na península escandinava. Retirados das águas, esses troncos, pelas fábricas ribeirinhas, são transformados em pasta de papel.

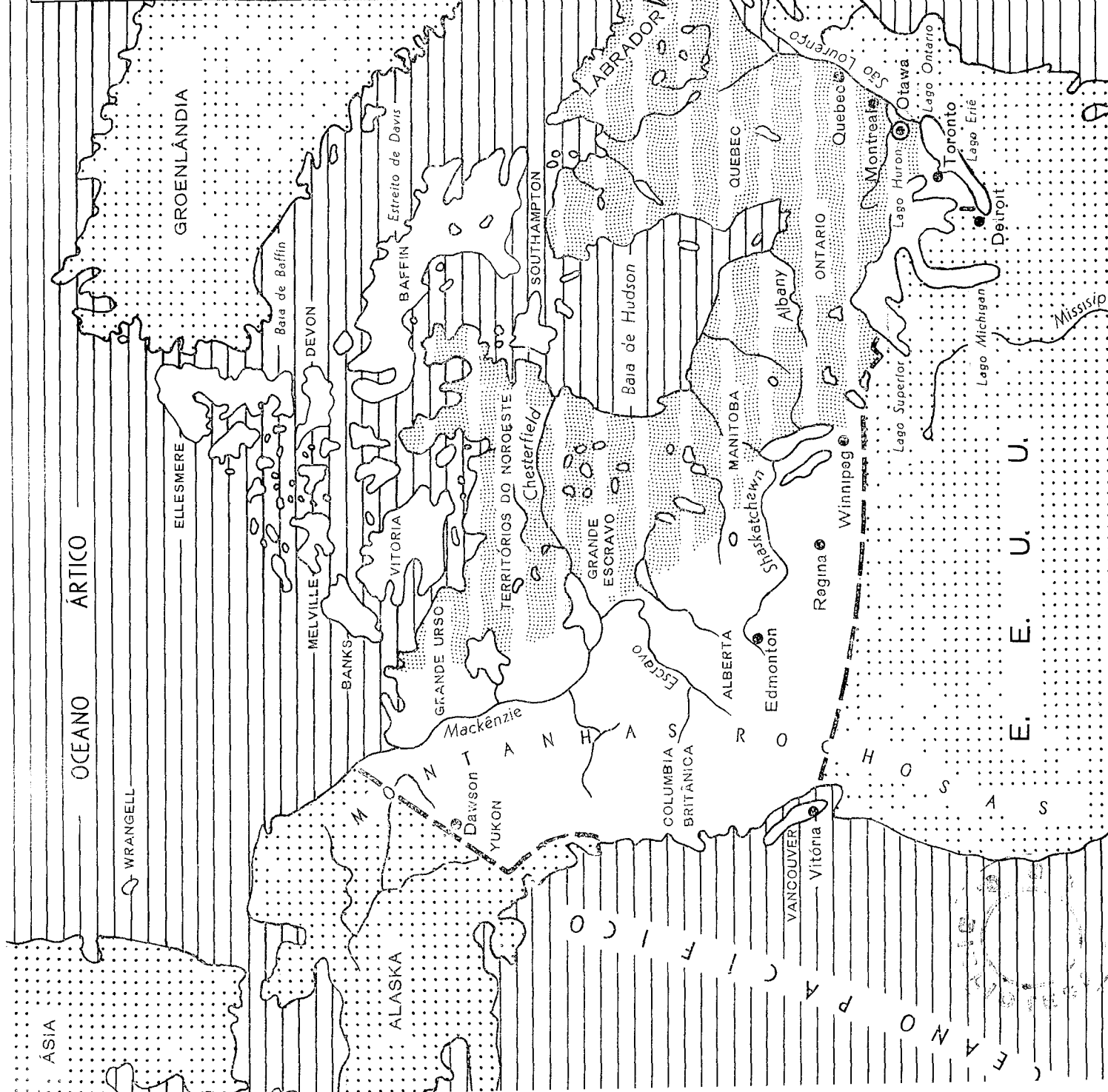
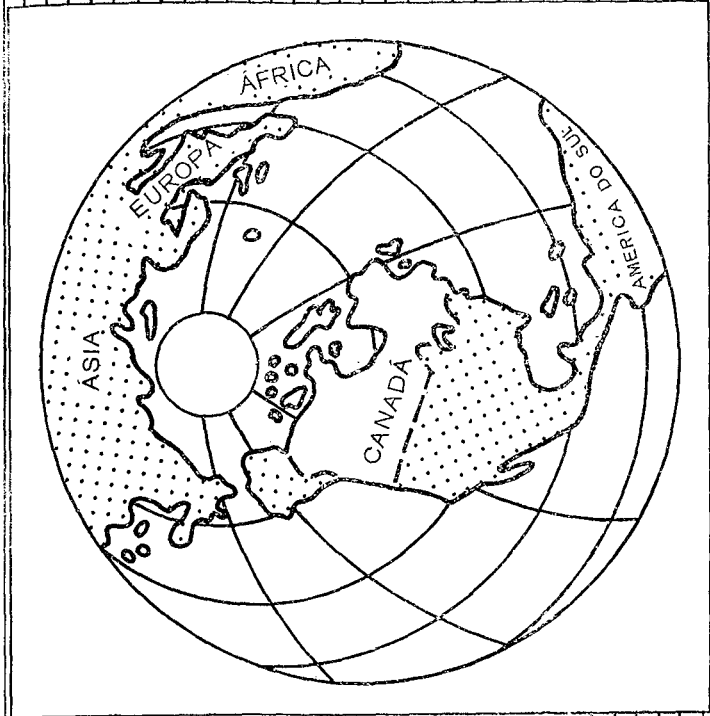
Do outro lado das montanhas Rochosas, na sua parte ocidental, com clima mais ameno, graças à presença do Pacífico, a *Colúmbia Britânica* possui também boas extensões cobertas por bosques madeireiros.

No seu conjunto essa superfície florestal abrange 35% da extensão total do país e 80% do papel utilizado pelos jornais do mundo, que é produzido no Canadá.

As *terras aráveis* ocupam cerca de 1 300 000 km², ou seja 3,8% da extensão do país. Nas províncias de Manitoba, Shaskatchewan e Alberta, o trigo, a aveia, a cevada e o centeio ocupam as plantações da planície, de escassa densidade demográfica. Os solos mais férteis são destinados ao trigo, ficando os mais duros para os demais cereais.

Nas *províncias atlânticas*, onde se destaca *Quebec*, o oceano suaviza os rigores do inverno e verão; os agricultores plantam a linhaça, o fumo, e o milho (Vide quadro n.º 1) bem como as frutas adaptadas ao clima, entre as quais a uva, a pera, a maçã e o pêssego.

É bem rica a *fauna canadense*, pois além dos animais da região ártica (arminho, marta, vison, castor e urso branco), as águas dos lagos e oceânicas que circundam e cobrem o país são bastante piscosas. As trutas abundam nos lagos; o salmão vive em grandes cardumes nas águas do Pacífico. No Atlântico, a *ilha de Terra Nova* apresenta extensa plataforma continental, sendo também local de encontro da corrente quente do Golfo, portadora de plâncton vegetal, com a corrente fria do Labrador que transporta grande quantidade de plâncton animal. Associados, esses fatores geográficos, transformaram a Terra Nova numa das maiores zonas pesqueiras do mundo; são aí bastante numerosos os cardumes



de arenque, atum, lagosta e bacalhau. Mais para o norte, já nos mares gelados, é intensa a pesca da baleia.

Podemos assim afirmar que, em pouco mais de um milhão de toneladas de peixe apanhado pelos pescadores canadenses, a terça parte corresponde à atividade em torno de Terra Nova.

As pradarias ou campos naturais da faixa central canadense oferecem pastagens para o gado. Na Colúmbia Britânica estão os campos de "bunch grass" (ervas de penacho) que alimentam o gado local. Campos naturais são ainda encontrados através de Alberta, Shaskatchewan, Manitoba, chegando à região do Hudson onde Ontário e Quebec são também províncias pecuaristas (Vide quadro n.º 2). Assim, a indústria da manteiga, queijo e derivados do leite estão centralizadas nas províncias de Ontário e Quebec, para melhor facilidade do escoamento.

No entanto, é no reino mineral que estão os principais recursos econômicos do Canadá (Vide quadro n.º 3). Pouco mais da metade do seu território é constituído por rochas antigas, em região denominada por "escudo canadense". O "escudo canadense" estende-se desde o norte, abrangendo os territórios do Noroeste, até a região dos Grandes Lagos.

Na região do lago Grande Urso estão as jazidas de radium, mineral de grande importância na atual era atômica. São ainda os territórios do Noroeste produtores de 80% do níquel mundial; possuindo também o cobre e a platina, valioso metal por apresentar grande resistência ao calor e à corrosão.

As jazidas de cobre de Manitoba ultrapassam a área do "escudo canadense", associando-se às de zinco que atingem a Colúmbia Britânica; assim, o Canadá destaca-se como primeiro produtor mundial de zinco.

Na região de Ontário e Quebec estão as principais jazidas de ouro que, exploradas, dão ao Canadá posição destacada logo após a África do Sul.

No leste, a província da Nova Escócia, servida pelo porto de Halifax, as minas de Malagash constituem-se nos mais produtivos depósitos salinos de todo o hemisfério norte. Tal matéria-prima é essencial na preparação de fertilizantes, no processo de refinação da gasolina de alta qualidade, como também na fabricação do caucho sintético.

Estão ainda em Quebec as importantes minas de amianto ou asbesto, mineral não metálico, espécie de silicato que pode ser tecido como o algo-

ção, sendo de grande utilidade por ser refratário ao calor e não inflamável, depois da Rhodésia, o Canadá é o segundo produtor de asbesto já tendo, em passado não muito remoto, produzido 80% da produção mundial. Também, fora da área do "escudo canadense", estão as jazidas auríferas do Yukon, continuação das encontradas no Alaska.

As jazidas de ferro estão concentradas na península do Labrador, dando ao país o quinto lugar entre os produtores mundiais. As minas de carvão se estendem desde Manitoba até Alberta, estando no sul desta última província as mais vastas jazidas de procedência cretácea. Desde as jazidas de Canol no rio Mackenzie, até o vale do Turner em Alberta, são encontrados lençóis petrolíferos em fase sempre ascendente de exploração.

Com a descoberta dos poços de Alberta, a indústria petrolífera transformou-se na principal preocupação do governo canadense. O oleoduto Interprovincial do Canadá é o maior do país, pois começando em Edmonton chega a Toronto para conectar-se com a linha de Búfalo nos Estados Unidos; serve deste modo a 15 refinarias canadenses e 11 estadunidenses. Para a exportação do óleo cru foi construído o oleoduto Transmontano, partindo também de Edmonton, mas com seu terminal em Vancouver no Pacífico. O Trans-Canadá que conduz a produção de gás natural de Alberta — Shaskatchewan, após cruzar a zona das pradarias dirige-se a Toronto e Montreal; é assim o mais longo conduto de gás natural do mundo.

A indústria mecanometalúrgica ocupa, ao lado da petrolífera, o primeiro plano na economia canadense, neste setor o país produz material ferroviário e máquinas agrícolas de preferência. Seguem a essa indústria as derivadas da riqueza florestal (madeira, celulose e papel); as do ramo têxtil, trabalhando principalmente com a lã de carneiro e fibras artificiais; a automobilística localizada principalmente em Toronto.

De um modo geral, a faixa centro-sudeste canadense é a mais privilegiada do país. O paralelo de 50 graus que passa por Winnipeg, delimita ao norte as regiões demasiadamente frias para o desenvolvimento de populações numerosas. A população canadense estimada a 1º de janeiro de 1968 era de 20 630 000 habitantes. Vemos assim que é bem baixo o índice demográfico do Canadá, pois só a região sul do Brasil, pela estimativa de 1968, já abrigava 23 108 000 habitantes, nos seus 825 621 km² de território. Montreal, de origem francesa (2 436 817 habitantes) e a in-

glêsa *Toronto* (2 158 496 habitantes), incluídas as suas respectivas áreas metropolitanas, são os centros urbanos mais populosos do país; as duas reunidas perfazem um pouco mais que a nossa cidade-estado do Rio de Janeiro, cuja estimativa (1968) atingia 4 132 000 habitantes. Cêrca de 75% do efetivo populacional vive na região fronteiriça aos Estados Unidos, mui especialmente na região do São Lourenço e Grandes Lagos. A população canadense apresenta em sua composição 43,8% de indivíduos de origem inglêsa, 30,4% de origem francesa, 21,6% de outros grupos europeus imigrados, contra apenas 5,2% de índios, esquimós, negros e asiáticos.

Conclui-se, então, que o baixo-Canadá, englobando a chamada área dos Grandes Lagos e rio São Lourenço, destaca-se como a *zona vital do país*. Os *Grandes Lagos*, divididos entre os Estados Unidos e Canadá, ocupam uma área conjunta de 1 466 000 km² (pouco menor que a do Amazonas, o maior estado brasileiro — 1 564 445 km²); constituem-se num verdadeiro “mediterrâneo” de água doce e sendo zona importante, tanto para a economia canadense quanto para a estadunidense, possuem excelentes instalações portuárias. O rio São Lourenço através de 3 800 km de curso * é perfeitamente navegável, com exceção no período dezembro-abril, quando se congela; liga a grande região lacustre ao oceano Atlântico. Graças à importância política da região, os canadenses instalaram às margens do rio Otawa, afluente do S. Lourenço, a sua capital. *Otawa* (494 535 habitantes) comunica-se com a região dos Grandes Lagos através de um canal; originou-se de uma aldeia de lenhadores com o nome de Bytown, sendo, hoje, tanto de origem inglêsa, como nasceu, quanto francesa. Já *Quebec* (360 000 habitantes), último pôrto no São Lourenço, evoca a colonização francesa, mantendo a cultura e traçado das cidades da Bretanha.

2 — Formação Histórica

Nas expedições, através do Ártico, feitas pelos antigos *vikings*, provenientes da Escandinávia, Bjarn attingiu as costas canadenses, enquanto Leif Ericson denominava a península do Labrador de *Vinland*.

Nas costas canadenses estiveram também os *navegadores portugueses*, entre os quais Gaspar Corte Real (1472) e Estevão Gomes que, nos primeiros

anos do Século XVI, procurava aí uma passagem para o noroeste.

Coube a *Giovani Verrazano*, navegador florentino a serviço de Francisco I da França, tomar *posse da embocadura do São Lourenço* (1529). Pouco depois, *Jacques Cartier* (1534) subia o mesmo rio, dando à região o nome de *Nova França*. No entanto, a colonização do Canadá Francês só teria início efetivamente em 1608, quando *Samuel Champlain* fundou *Quebec* com o auxílio de colonos normandos e do Poitou.

O Canadá Francês ocupava os territórios das atuais províncias de Quebec e Ontário, os mais fortemente defendidos, quando as 13 colônias inglêsas, núcleo geo-histórico dos Estados Unidos, abrangiam área bem maior (século XVIII). Se na América do Sul iriam se chocar os interesses dos portugueses e espanhóis, na América do Norte seriam rivais inglêses e franceses.

Tendo *Robert La Salle* conquistado o Mississipi, em cuja foz surgia *Nova Orleans*, procuraram os franceses estabelecer, ao longo desta via fluvial, uma linha de fortes. Tal via era de *grande importância sócio-econômica* na ligação da Luizíania e Nova França. Não desejando a efetivação de tal empreza, iniciava-se a luta que, na realidade, era *reflexo da rivalidade anglo-francesa na Europa, estendendo-se à América*.

Opondo-se às pretensões de Felipe d'Anjou, neto de Luiz XIV ao trono espanhol, a Inglaterra envolveu-se, na *Guerra de Sucessão na Espanha* contra a França. A luta terminou com a assinatura do *Tratado de Utrecht* (1713), pelo qual a França mantinha seu pretendente no trono espanhol, mas entregava aos inglêses a ilha de Terra Nova e a Acádia que forma hoje as duas províncias canadenses de *Nôvo Brunswick* e *Nova Escócia*, a leste do rio São Lourenço.

Outra questão sucessória na Áustria, em conflito com a Prússia, levaria a França e Inglaterra a nova luta; defrontavam-se então as duas nações rivais, na *Guerra dos Sete Anos*. Aproveitando o fato, lutam também na América os exércitos francês de *Montcalm* e inglês de *Wolfe*; os inglêses tomam *Quebec* (1759) e *Montreal* (1760). Finda a guerra européia, era assinado o *Tratado de Paris* (1763), denominado de “a paz vergonhosa” pelos franceses, já que êstes tiveram que entregar todo o seu território canadense aos inglêses.

Alguns anos mais tarde revoltam-se as 13 colônias inglêsas (Estados Unidos), que declaravam a sua inde-

* O rio Amazonas tem 5 000 km de extensão, dos quais cêrca de 3 165 km de curso em território brasileiro, onde é todo navegável.

pendência (1776) auxiliadas por Luiz XVI de França que procurou, dêste modo, vingar-se da perda do Canadá. Assinado o Tratado de Paris (1783), ratificado pela Paz de Versalhes, a Inglaterra perdia grande porção de seu território colonial americano, reconhecendo a independência dos Estados Unidos; cedia a êsse nôvo país todos os territórios a leste do Mississipi, bem como a região sul dos Grandes Lagos.

A *experiência desastrosa* serviria para que os inglêsés procurassem tratar de forma mais conciliatória seus territórios canadenses. Por isso, em 1791, a Inglaterra, que já havia permitido aos colonos franceses locais o uso livre de sua língua e religião, dividia o território em *Alto Canadá*, povoado por maioria inglêsa e *Baixo Canadá*, ocupado pelos franceses; o rio Otawa separava as duas regiões. Concedia, por outro lado, govêrno representativo (assembléa de eleição popular) às duas regiões, porém com os respectivos governadores locais nomeados pela Inglaterra.

Não satisfeitos, os colonos franceses do *Baixo Canadá revoltam-se* em Montreal e, dirigidos pela associação denominada "*Filhos da Liberdade*", à semelhança do que se passara nos Estados Unidos, exigem a sua separação da Inglaterra. Vencendo o levante (1838) a metrópole permitia que tôdas as províncias canadenses estabelecessem seu govêrno próprio (1840).

Os colonos inglêsés, à semelhança do que se fazia nos Estados Unidos, partiam também para a *conquista do oeste*, atingindo as costas do Pacífico; definiam, finalmente, através de *uma linha artificial, seus limites com os Estados Unidos*.

Observando que alguns colonos franco-canadenses imigrados para os Estados Unidos ameaçavam a boa administração dêste vasto território inglês na América, tratou a Inglaterra de *unificar o Alto e Baixo Canadá*; passariam a ter uma única assembléa e um único governador. Em seguida era posta em vigor pelo Parlamento inglês, a "*Ata da América Britânica do Norte*" (1.º de julho de 1867) que transformava todo o território numa confederação sob o nome de *Domínio do Canadá*.

A referida Ata é, na realidade, a Constituição escrita do Canadá, similar à da Inglaterra; transformava-se a antiga colônia numa federação dentro da *Comunidade Britânica*.

O *poder executivo* é, ainda hoje, teòricamente exercido pelo soberano inglês, representado pelo *Governador Geral*. Êste é indicado pelo rei ou rainha da Inglaterra, após ser proposto

pelo *Primeiro Ministro canadense*. O Primeiro Ministro é na realidade o *chefe do Gabinete ou Conselho de Ministros*, espécie de *comitê executivo do Parlamento*.

O *Parlamento*, exercendo o poder legislativo, é formado pelo *Senado e Câmara dos Comuns*. A semelhança do que se passava no Brasil-Império, os 102 senadores canadenses são também vitalícios, mas nomeados pelo Governador Geral. Os 265 deputados da Câmara dos Comuns são eleitos proporcionalmente por província, de acôrdo com o efetivo populacional, pelo voto popular direto, para exercerem suas funções no prazo de cinco anos.

O *francês e inglês são idiomas oficiais no Canadá* que se encontra, atualmente, dividido administrativamente em 10 províncias e 2 territórios. Há igualmente *liberdade de culto*, equilibrando-se em número *católicos* (8 929 000 fiéis) e *protestantes* (8 531 574) fiéis, os grupos religiosos de maior número de adeptos. Os protestantes, desde 1925, fundiram suas seitas principais (metodista, presbiteriana e congregacionista) na Igreja Unida do Canadá.

Finalmente, a posição central e autônoma do Canadá dentro da Comunidade Britânica seria determinada pela *Conferência Imperial de Londres*, em 1926.

3 — Problemas Políticos Atuais

Vivem no Canadá dois grupos distintos. Êste fato foi levado em conta pela "*Ata da América Britânica do Norte*", já que *Quebec* se distinguia das demais províncias quer pelo idioma, quer pelas origens étnicas ou lógica francesa.

O *desejo separatista da província de Quebec* vem, de longa data, tornando-se no entanto mais crônico a partir de 1965, quando a "*União Nacional*" preparou sua célebre petição, dois anos depois publicada pelo jornal "*L'Action*". Os separatistas animaram-se bastante, pois, com a *visita que De Gaulle* fez ao Canadá, em julho de 1967, o referido presidente francês deu vivas a Quebec livre.

As *exigências de Quebec* pregam a atenuação do poder central, em benefício desta província que deveria assim ser consultada nos assuntos que lhe dissessem respeito, especialmente no setor fiscal e econômico. Procura adquirir certa personalidade internacional, subtraindo ao poder central determinados assuntos que interessem mais de perto à província; por exemplo, o tratado cultural com a França,

sonhado por Quebec, fugiria assim da alçada de Ottawa.

O objetivo de De Gaulle, de apoio ao separatismo de Quebec, obedecia ao seguinte princípio: criado um estado soberano neste território canadense, seriam logo organizadas as bases "da solidariedade da Comunidade Francesa de ambos os lados do Atlântico".

Mas o movimento separatista de Quebec não se apresenta unido, já que são vários partidos a lutarem por este princípio. Além da "União Nacional", agem também o "Agrupamento Pró-Independência Nacional" e o "Reunião Nacional". Notando que não é proveitosa essa divisão de forças, René Levesque, egresso do Partido Liberal, procura unir esses grupos políticos separatistas, a fim de que formem sob sua liderança, uma frente comum. Criando o "Movimento de Soberania Associada", defende a tese de que Quebec deve ser transformado num estado politicamente unido ao Canadá, mas unicamente como associação econômica e monetária.

Fora de Quebec vivem cerca de 1 300 000 franco-canadenses; o objetivo destes não é, de um modo geral, o separatismo político, mas sim o da manutenção da igualdade lingüística e cultural prometidas pela Constituição em vigor.

Por sua vez, os representantes das demais províncias marítimas que circundam Quebec, entre os quais o Premier Smallwood, de Terra Nova, afirmam que o problema político canadense não se limita apenas ao dualismo franco-inglês; consiste, sobretudo, na realidade que distingue os dois Canadás — um pobre e outro rico. Apontam, como conseqüência, o fato de que a metade da capacidade industrial do país é formada, na realidade, por filiais de companhias estadunidenses.

Neste clima político realizam-se os comícios para a escolha do Primeiro Ministro, que iria suceder a Lester Pearson. Os dois fortes candidatos, indicados pelos partidos majoritários, defenderam a tese de uma revisão constitucional, como único meio capaz de solucionar os problemas políticos canadenses. O líder do Partido Conservador Progressista, Robert Stanfield, de 53 anos de idade, embora de origem anglo-canadense, mas conhecendo bem o idioma francês, contava com o apoio dos franco-canadenses. Já Pierre Trudeau, líder do Partido Liberal, que estava no poder com Pearson, com 48 anos de idade, embora de origem franco-canadense, por haver desfraldado a bandeira da unidade nacional e servido como ministro ao governo, era acusado de traidor pelos separatistas.

As eleições de 25 de junho de 1968 deram vitória esmagadora a Trudeau. O Partido Liberal que o apoiou obteve 154 dos 264 distritos eleitorais; conseguindo 46% dos sufrágios, inclusive a maioria na província de Quebec (1 600 000 votos), possibilitou ao Canadá um governo forte de maioria, pela primeira vez nos últimos dez anos.

No dito gabinete reformista, organizado por Trudeau, os canadenses franceses tem postos importantes. Muito comentada foi também a indicação de Jean Chrétien, o membro mais jovem do gabinete, pois tem apenas 34 anos. Trata-se do primeiro índio eleito para o Parlamento a quem Trudeau entregou os destinos do departamento de Assuntos Indígenas e Desenvolvimento do Norte.

Além da revisão constitucional e administrativa, faz parte ainda do programa do governo do novo Primeiro Ministro Trudeau, o estudo sistemático e resolução dos particularismos nacionais. Neste ponto, é taxativa a posição de Trudeau, que não aceitará grandes alterações no equilíbrio de poderes, pois isto levaria o Canadá a um esfacelamento.

Seu programa de política exterior é, de certo modo, bem mais diversificado. Opõe-se frontalmente à política de "amortizar o Canadá", termo usado pelos que batalham pela expropriação das grandes empresas estadunidenses no país.

Embora a sua tendência seja a de continuar a manter os laços estreitos com a Comunidade Britânica, dadas as suas idéias, não seria nada estranho que o Canadá adotasse a fórmula republicana de governo no seu período.

A aproximação com os Estados Unidos, bem como as simpatias republicanas, mostram as nítidas tendências americanistas de Pierre Trudeau. Peça importante na OTAN (Organização dos Tratados do Atlântico Norte), Trudeau defende que, para o Canadá, a sua área de interesse e defesa deve ser somente o continente americano do norte. Seu desejo é o de retirar os 11 mil canadenses que integram as forças militares estabelecidas na Alemanha; quer Trudeau apoiar as operações pacificadoras da ONU, porém na esfera do continente americano. Tal política americanista indica que o novo governo procura preparar o Canadá para ser admitido na OEA (Organização dos Estados Americanos).

Afirmando que procura limitar seus compromissos com o exterior, a fim de marcar melhor a presença do Canadá no mundo americano, Pierre Trudeau pensa no ingresso de seu país na OEA, quando o mesmo "estiver com voz independente da estadunidense".

QUADROS ESTATÍSTICOS

1 — PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS (1966) — toneladas

PRODUTOS	CANADÁ	BRASIL	1.º PRODUTOR MUNDIAL
Trigo	18 450 000	643 000	URSS — 74 399 000
Aveia	6 399 000	19 000	EEUU — 13 923 000
Cevada	4 671 000	—	URSS — 28 500 000
Centeio	310 000	17 000	URSS — 13 619 000
Linhaça	710 000	30 000	EEUU — 893 000
Fumo	65 000	210 000	EEUU — 877 000
Milho	1 531 000	11 000 000	EEUU — 105 950 000

2 — PECUÁRIA (1966) n.º de cabeças (1.000)

PROVÍNCIAS	CA-VALAR	BOVINO	OVINO	SUÍNO	AVI-CUL-TURA
Quebec	63	1 202	76	1 066	17 701
Ontário	77	1 180	210	2 170	25 388
Manitoba	33	197	30	535	4 930
Shaskatchewan	71	176	90	468	2 430
Alberta	81	287	256	1 370	5 115
Colúmbia Br	23	107	44	42	6 695

3 — PRODUÇÃO MINERAL (1967) \$ dólar canadense

Cobre	563 513 408
Níquel	467 196 178
Ferro	455 242 942
Zinco	314 304 646
Ouro	111 483 255
Chumbo	89 057 520
Urânio	49 237 508
Platina	34 586 996
Asbesto	163 011 249
Sal	28 622 306
Petróleo Cru	886 484 500
Gás Natural	198 228 000

Fonte: *The Economist*
Statesman's Year Book (1968-69)
Almanaque Mundial (1968)

A Tunísia Independente

DELGADO DE CARVALHO

1 — Feições Geopolíticas

Os árabes deram o nome de *Magreb*, isto é de "País do Oeste", à África Menor que, no norte dêste continente, encerra os *Altos Planaltos* entre as serranias do Atlas e do Tell. A extremidade oriental, que se projeta no Mediterrâneo sob forma de largo promontório, é a *Tunisia*, largamente aberta sobre o continente africano. Entre todas as posições geoestratégicas ocupadas pela África, a que maior papel desempenhou na história da Europa antiga e medieval foi a Tunísia.

A sua vizinhança das ilhas italianas da *Sicília* e da *Sardenha* constitui os estreitos que dividem o mar Mediterrâneo em duas bacias distintas. Menos de 150 quilômetros separam *Marsala* de *cabo Bon*. Quando começou a questão da Tunísia, em 1881, *Jules Ferry* determinou imediatamente a ocupação militar do pôrto de *Bizerta* para evitar que a Tunísia fôsse entregue à Tríplice Aliança, isto é, à Itália (que almejava a sua aquisição), como havia sido o Egito entregue à Inglaterra. De fato, com o protetorado francês, tornou-se *Bizerta*, pela sua posição estratégica, um pôrto militar importante no Mediterrâneo, na vizinhança dos seus estreitos, ponto forçoso de passagem para todos os empreendimentos no Oriente. Em vésperas da Segunda Guerra Mundial, a aviação italiana de Mussolini já incluía, em frente do cabo Bon, as bases da *Andrava* que lhe dava o contróle absoluto do Mediterrâneo.

O litoral norte da Tunísia é mais recortado porque nêle terminam as serras paralelas do *Atlas Telliano* e do *Atlas Saariano*, êste último constitui o maior relêvo, a chamada *Dorsal* que, embora mais baixa do que na Argélia, alcança mais de 1 500 metros no *Djebel Chambi*. Entre os dois mencionados Atlas, abre-se o fértil vale do rio *Medjerda* e de seu afluente o rio *Mellegue*.

A parte inferior desta rêde hidrográfica abre a larga planície de Tunis que orla a baía de Tunis, outra posição estratégica, onde se localizou na antiguidade a famosa cidade de Cartago.

Ao sul daquela região nortista, a Tunísia central apresenta um litoral pouco recortado, apenas com os dois largos golfos de Gabés e de *Hammamet*, que orlam a extensa planície de Sahel, cujo interior é estépico, de vegetação ainda mediterrânea. A parte meridional da Tunísia é a região das estepes, dos *ueds*, dos *chotts* ou (*sebkhas*), que são lagos de água salobra represadas pelo relêvo em bacias sem escoamento; são pouco profundas, pantanosas e permanentes. O principal lago tunisiano desta natureza é o *Chotte al Djerid*. O clima e a vegetação desta região são desérticos, mas não são poucos os oásis como *Nefta*, *Tozeur*, *Kebili*, na vizinhança do Chott, que são pequenas aldeias típicas.

A Tunísia é mais úmida do que a Argélia, principalmente ao norte; o verão é sêco e recebe o *sirocco* que provoca amplíssimas variações térmicas.

2 — Gêneros de Vida

A posição geográfica ocupada pela Tunísia, na parte setentrional da África, tornou o seu território área de passagem de numerosos invasores ou imigrantes desde a mais alta antiguidade. *Fenícios*, *Cartagineses*, *Romanos*, *Vândalos*, *Árabes* dominaram sucessivamente aquêlo fundo proto-histórico de populações bérberes. A própria *língua bérbere*, ainda falada por 30% da população argelina, só é usada por 2% da população tunisiana.

A região norte, mais favorável à ocupação sob todos os pontos de vista, relêvo, clima, vegetação e situação marítima, tornou-se forçosamente a mais procurada e a mais habitável. Nos oásis do *Djeriol*, as zonas habitadas são protegidas pelo deserto que facilita a defesa contra a maior parte das cidades.

Embora não exista mais a tradicional oposição entre nômades e sedentários na Tunísia atual, ainda lá se encontra algum *seminomadismo*; são frações de tribos que possuem terras em zonas diferentes nas quais se efetua a *transumância* do gado a cargo de pastores. Além da colheita da preciosa gramínea da *alfa*, pratica-se, no local, pequenas indústrias de *olaria* e *tapêtes*. A habitação, aliás desmontável, é o *gurbi*, feito de ramagens e argila, facilita o seminomadismo que frequenta as estepes.

Na ilha bem povoada de *Djerba*, no gôlfo de Gabes, a transumância é

comercial. Diz Jacques Klein: "O djerbiano deixa sua ilha pobre e superpovoada por períodos mais ou menos longos (1 a 3 anos) para exercer em Tunísia ou alhures, uma profissão que é geralmente merceeiro. Volta depois para cultivar a sua terra e gosar um ano a vida de família. Depois parte novamente para o seu balcão e o ciclo continuará ininterrupto da escola ao túmulo". (J. Klen — "La Tunisie")

As aldeias formadas de gurbis são situadas em pontos elevados para a defesa; nêles há pouca vida coletiva. Esta se encontra mais nos *burgos* antigos onde reina a atividade artesanal. Quanto às cidades, já são numerosas e em pleno crescimento.

Tunísia, a capital, situada em ponto de defesa, contava 185 mil almas em 1926 e, atualmente, conta cerca de 700 mil, entre as quais são mais numerosos, entre os estrangeiros, os franceses, os italianos e os israelenses. A cidade sagrada, que foi capital do império fatimita, é *Kairuán* que conta ainda 80 mil habitantes. A maior cidade, depois de Tunísia, é *Sfax*, centro industrial do *Sahel* e pórtio de mar, como *Sousse* e como *Bizerta*, cuja função militar foi considerável no tempo da ocupação francesa terminada em 1963. Bizerta havia sido, durante os conflitos das grandes guerras, centro das expedições africanas, ocupada pelos alemães em 1942 e libertada pelos americanos.

3 — Evolução Econômica

Os 1300 quilômetros de costas ao longo de um largo planalto continental, dotaram a Tunísia de abundante riqueza em *pescarias* (lagosta, atum, esponja). A pesca submarina é cientificamente organizada nas ilhas *Kerkenah*, em frente de *Sfax*. Esta indústria marítima está principalmente em mãos de europeus, gregos e italianos.

Existe na Tunísia uma certa variedade de minas de *chumbo*, de *ferro*, de *zinco* e também de *fosfatos*; as jazidas são localizadas na parte montanhosa do norte, aliás, muito dispersas. A produção de *petróleo* justificou a existência de uma refinaria em *Bizerta*. Em *Menzel Bourguiba* há uma importante usina *metalúrgica*. O açúcar é refinado em *Beja* e a celulose é fabricada em *Kessarine*, perto das ruínas de uma antiga cidade medieval.

Sob o ponto de vista agrícola, a Tunísia é mal aquinhoadada em terras de cultura, pois cerca de 60% de seu solo é estéril e as terras de lavoura, pastagens e matas, não medem mais de 9500 milhões de hectares, do total de 15 e meio milhões. Existem, entretanto,

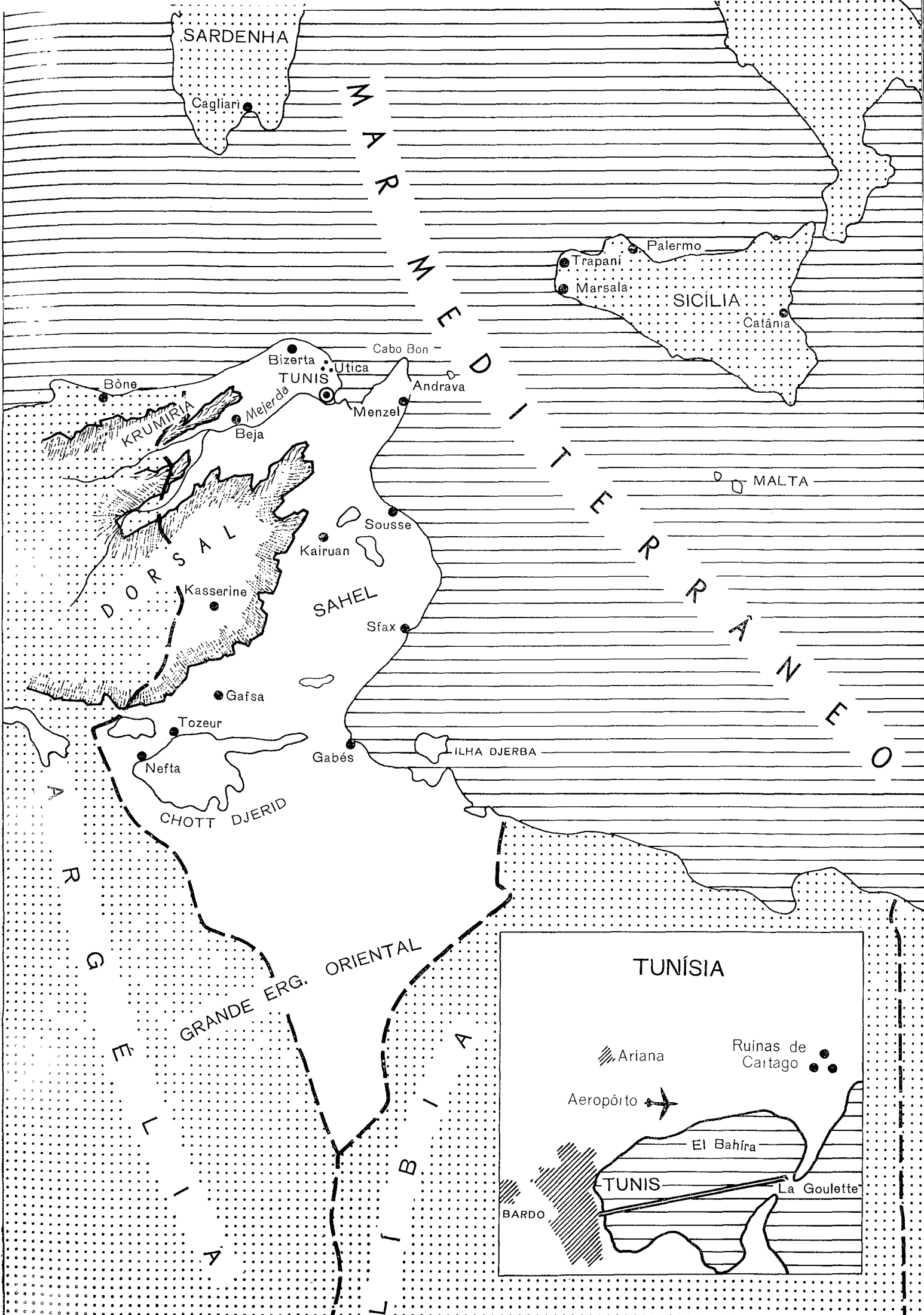
vestígios de um passado remoto, no qual a produção agrícola foi mais considerável. Por isso, atribui-se a causas histórico-sociais esta insuficiente valorização das terras, pois o clima não mudou. O problema principal da agricultura tunisiana reside no abastecimento da água. O relevo de certas regiões é aproveitado para a formação de bacias reguladoras da hidráulica. As práticas antigas de acondicionamento das águas foram abandonadas pelos beduínos mas subsistem em certas regiões do *Sahel*. O *dry-farming* é também praticado. A cultura da *videira*, cuja produção foi prejudicada pela guerra, recobrou a sua posição e tende a melhorar.

A cultura tradicional mais antiga da Tunísia, mencionada com louvores por todos os autores árabes, é a da *oliveira*, cujas azeitonas eram vendidas em Bizâncio antes das invasões. Hoje, fala-se em "Mar de Olivais" em "Floresta Olival de *Sfax*". A Tunísia possui atualmente 25 milhões de oliveiras, mais do que a Argélia e Marrocos contam reunidos. O rendimento por árvore é de 20 quilos, enquanto na Espanha é de 13 quilos. A colheita das azeitonas que era sempre feita por varejamento, é agora feita à mão, para preservar a planta e o fruto. A técnica da *oleificação* pouco mudou nestes últimos séculos, a não ser pelo emprêgo de máquinas e fontes de energia para as moendas de esmagamento. A Tunísia é um dos grandes exportadores mediterrâneos de óleo de oliveira como a Itália, a Espanha e a Grécia, seus concorrentes. Suas exportações têm crescido: dos 123 mil cafis (um cafis = 430 quilos) em 1961, passaram a 985 mil cafis em 1964 e 954 mil em 1965.

A Tunísia independente está se *industrializando*, adotando uma política de planificação e de socialização; já entrou no seu segundo *plano quadrienal* e incentiva um *ativo movimento cooperativo*, sob estrito contrôlo do Estado.

4 — História do Passado

Depois das invasões sofridas na antigüidade, a terra tunisiana se tinha *romanizado* e *cristianizado* sob o domínio bizantino. A onda muçulmana representada pelos árabes encontrou no Magreb as mais fortes resistências dos *bérberes* que acabaram sendo vencidos. Quando em 666 foi fundada *Kairuán*, a fortaleza do Islan na África do Norte, Cartago foi abandonada e as três tôrres superpostas da *Grande Mesquita*, dominou pela religião, pela arte e pela cultura. Os quatro séculos desta fase muçulmana foram econômi-



camente de riqueza e de prosperidade; a valorização da Tunísia no século V fêz do Tell um celeiro de cereais, um pomar de videiras, oliveiras, figueiras e de amendoeiras; era cuidada a canalização das águas, construídas represas e alastradas as terras de cultura. Os vestígios, dêste passado púnico romano, bizantino e mulçumano são, hoje, ainda, de grande interêsse turístico, pois em 1966 a Tunísia acolheu 218 mil visitantes, sem contar os viajantes em trânsito.

No fim do século XI, porém, as coisas mudaram muito com a repentina e selvagem invasão de bárbaros, os chamados *hilalianos* de Beni-Hital, oriundos dos desertos da Arábia e da Tripolitânia. Uma querela entre o emir de Kairuán e o califa do Cairo, havia sido pretexto desta irrupção de mais de cem mil invasores; foram êsses os destruidores do que tinha sido construído pelas civilizações, com a tomada de Kairuán em 1052. O historiador Ibn-Khaldun comparou os hilalianos a uma praga de gafanhotos

“Do passado, diz J. Klein, a Tunísia conserva entretanto o Islan e a civilização árabe que lhe é própria. Mas o Islan Tunisiano vai cada vez mais escapar às influências orientais sob a ação esterelizante da adoração dos santos, o marabutismo de origem marroquina. Os hilalianos, na realidade, cortaram o caminho do Oriente. A capital se desloca para o norte. Os governadores almoadas se fixam em Tunis, não longe das ruínas de Cartago, enfrentando a Itália... (Jacques Klein — “la Tunisie”)

Em 1229, o Califa almoada instituiu em Tunis um vice-reinado em favor de *Abu Mohamed*, da família dos Hafeidas. Reinou esta dinastia cêrca de 350 anos na Tunísia e marcou uma fase histórica interessante pela organização política e social, em parte hierarquizada à feição do Marrocos, concentrando nos vizires a autoridade do Maghzen, (administração) sob a influência da burguesia e dos renegados cristãos. O emir tomava o título de *Califa* em 1259. Pouco mais tarde, foi um dêles que repeliu o exército de *São Luís* de França, o último representante das Cruzadas.

Depois da batalha de *Lepanto*, D. Juan d’Austria (1573) toma Túnis, mas a Tunísia recai sob o domínio turco e sob o *Bey Murad*, é fundada uma *dinastia beylical* (1612). Opera-se nesses dois séculos seguintes uma profunda evolução social. O nomadismo declina, as tribos se fraccionam; as grandes famílias alargam as suas propriedades à custa dos descendentes dos italianos em-

pobrecidos, que vendem suas terras ou são expulsos. *Kairuán* volta a prosperar como mercado principal dos nômades do sul; Sousse se industrializa e enriquece. Os grandes olivais são iniciados em *Sfax*, pôrto sulista.

O que caracteriza esta fase histórica é o *caráter cosmopolita* que vai tomando com a imigração de europeus constituindo a elite artesanal e construtora. O *corso*, grande indústria na Argélia, é apenas ocasional na Tunísia. Os cativos são vendidos ou alugados à burguesia pelos corsários. Contudo muitos se tornam apóstatas e chegam a altos cargos administrativos.

Os *estrangeiros* freqüentemente se reúnem para trabalhar nos *funduks* ou feitorias de sua nação. Cedo os *marselheses* tinham obtido um *cônsul*, em Túnis, para cuidar de seus interêsses. Outros estrangeiros os imitaram, mas a preponderância francesa se impôs no fim do século XVII e foi crescendo, principalmente no século XIX, quando o Império Francês conquistou a Argélia.

5 — O Tempo Presente

Desde o fim do século XVI fazia a Tunísia parte do *Império Turco* e o *bey* que governava recebia a investidura em Constantinopla. Não entrava na política francesa, no fim do século XIX, estender para leste a sua colônia argelina que continuava lhe causando muitas preocupações. Deu-se, porém, que na parte setentrional da Tunísia a *Krumíria* abrigava, nas serras mato-sas, pastores sedentarizados e madeireiros; tribos *Krumirs*, em 1881, invadiram a Argélia atacando um ponto militar francês. Jules Ferry pediu às Câmaras um crédito para uma operação de política na fronteira. O caso acabou em conflito e levou o governo de Paris a *duas campanhas militares*, com fortes contingentes, revelando-se a opinião pública francesa e o próprio Parlamento em desacôrdo com a política de Jules Ferry. Êste teria dito mais tarde: “Foi por Bizerta que tomei a Tunísia”.

Com o *Tratado de Bardo* e a *Convenção de Marsa* foi, em 1881, estabelecido o *Protetorado Francês* sôbre a Regência de Túnis, com o assentimento do *bey* que se comprometia a submeter seus decretos à vista do Ministro Residente francês. Também da administração das finanças e das reformas incumbiram-se então os franceses, mandando para Túnis algumas personalidades de alto valor, como Paul Cambon e Lucien Saint. A política imperialista francesa integrou a Tunísia

na vida moderna da Europa Ocidental. Levantava-se porém a pretensão italiana que lá possuía mais colonos imigrados do que a França. Para obter o reconhecimento do protetorado francês, só em 1896, havia sido assinado com a Itália um acôrdo em que os italianos na Tunísia eram colocados em situação de igualdade com os franceses, em tôdas as profissões, nos júris, nas escolas e nas indústrias; regime êste que durou até 1940, quando Mussolini atacou o ponto principal: a possessão do próprio território. De fato, durante a Segunda Guerra Mundial, a Tunísia foi ocupada pelas forças do eixo e reconquistada pelo movimento gaulista de Argel que depôs o bey Moncef o qual tinha pactuado com os alemães. A sucessão ao trono coube ao 12.º imperante da dinastia husseinita, *Lamine Bey* que se tinha aproximado do Neo-Destour.

Taalbi, um velho sheik exilado em Paris, inspirado pelo idealismo wilsoniano, fundou, em 1920, um *partido liberal tunisiano* o *Destour* (Constituição). Intelectuais proprietários e nobres se integraram no partido em vista de novas reformas e do restabelecimento de uma Constituição outorgada em 1861. Dez anos mais tarde o Destour foi reconstituído como *Neo-Destour*, com programa mais preciso e maior apoio social das camadas burguesas, dos estudantes e dos trabalhadores. Com a crise econômica dos anos 30, o Residente Geral resistiu, mas na França a *Frente Popular* se mostrou favorável ao movimento. Nêle tomara parte um de seus mais eficientes promotores Habib Bourguiba, jovem tunisiano formado na França. A êle, à sua habilidade diplomática em ação desde o tempo do govêrno Léon Blum (1937) era destinada a missão de obter a final libertação da nação tunisiana.

6 — Descolonização

Com a queda do govêrno da Frente Popular, a questão franco-tunisiana entrou numa fase de negociações, de promessas, de recuos e medidas contraditórias interrompidas pela Segunda Guerra Mundial. Com a vitória dos aliados voltou a se repetirem as mes-

mas reivindicações tunisianas e as mesmas hesitações francesas.

Um interlúdio tragi-cômico foi a missão de Jean de Hautecloque que havia sido secretário de embaixada no Brasil, onde seu sógro foi o embaixador. Nomeado Ministro-Residente em Túnis (1952) resolveu assumir a atitude de proconsul romano surpreendendo políticos, diplomatas e jornalistas com suas atitudes despóticas em Túnis, ameaçando o ministro tunisiano *Chenik* e dando ordens ao próprio Bey. Comprometia esta atuação estravagante à política, já por si hesitante do govêrno de Paris, multiplicando-se os acidentes e os assaltos armados dos *fellargas* que inspiravam terror e provocavam reação punitiva violenta. Um antigo chefe de gabinete de Lucien Saint Voizart substituiu em tempo o singular residente e passou a administrar sob a autoridade do Bey. Com o govêrno Mendès-France, a situação melhorou consideravelmente, êste presidente do Conselho foi pessoalmente a Túnis acompanhado do Marechal Juin e pronto a resolver a questão tunisiana como havia resolvido a da Indo-China, fêz declarações em Cartago, em presença do Bey, que abriram a nova fase das relações. Em tôdas as negociações, Bourguiba tinha-se revelado moderado, prudente e conciliante, recusando-se a assumir uma atitude norte-africana de hostilidade contra a França, como lhe sugeriam os rebeldes argelinos. Aliás, o próprio *Neo-Destour* e seu presidente *Sala Ben Yusef* não deixavam de criar dificuldades à atuação de *Bourguiba*.

Quando, depois de sua difícil missão na França, Bourguiba voltou com as convenções franco-tunisianas preparadas em 1955. Túnis lhe fêz uma recepção entusiástica; seu prestígio internacional era grande. A 20 de março de 1956 foi, afinal, solenemente reconhecida a *independência da Tunísia* com ab-rogação de todos os tratados anteriores. Um ano mais tarde, a Assembléia Constituinte abolia a monarquia beycal (25 de julho de 1957). Mas sòmente em novembro de 1959 ficou esta assembléia com u'a maioria do partido socialista Neo-Destour. Na presidência da república Bourguiba foi eleito em 1957, reeleito em 1959 e em 1964.

Os "Sete Países" Bascos

THEREZINHA DE CASTRO
Geógrafa do IBG

1 — Os Pirineus

Os Pirineus formam uma *região montanhosa entre a França e a Espanha*, numa extensão de 50 000 km², em linha de 440 km entre o golfo de Biscaia, formado pelo Atlântico e o Mediterrâneo. No total da área pirenaica, *2/3 do território pertencem à Espanha*. Este eixo orográfico é menos íngreme na parte espanhola, descendo bruscamente no lado francês.

"Altos são os Pirineus", diz um ditado francês, quando alguém procura comparar tamanhos. Está na parte central desta cordilheira a mais alta barreira constituída por uma linha de picos superiores a 3 000 metros que se salientam por sobre terrenos com altitude média de 1 800 metros. Para o lado do Mediterrâneo, os Pirineus descem lentamente formando compactas altiplanícies, onde a aridez começa a ser notada. Dirigindo-se para o golfo de Biscaia, os Pirineus já são mais regados pelas chuvas; chegam até o território de Guipuzcoa, onde são mais baixos e menos compactos, embora suas cristas sejam atravessadas por poucos passos. A principal rota que liga a França e Espanha, segue o passo costeiro que circunda o golfo de Biscaia.

Nesta *fachada atlântica dos Pirineus*, localizam-se os "sete países" bascos, abrangendo uma área de 22 500 km² dos quais apenas 7 700 km² estão em território francês; os "sete países", no seu total correspondem em extensão a mais ou menos o nosso Estado de Sergipe (22 027 km²).

O *isolamento dos vales pirenaicos* facilitou, na Idade Média, a formação de vários Estados independentes, entre eles, apenas Andorra* conseguiu manter a sua autonomia. A menor elevação dos Pirineus nesta fachada atlântica que deveria dar melhor fa-

* Vide Atlas de Relações Internacionais n.º 11 — "O Co-Principado de Andorra".

cidade de circulação, conseguiu, no entanto, manter a *originalidade do povo basco*.

3 — O Enigma Basco

Os bascos, *do latim vasco*, constituem-se numa população dispersa pelas duas vertentes dos Pirineus Ocidentais; denominam-se a si próprios pelo nome de *euskaldunak*.

Várias são as *hipóteses apresentadas sobre a origem desse povo*, embora nenhuma delas seja considerada plenamente satisfatória.

Alguns procuraram fazê-los descenderem dos hebreus, dos etruscos, dos colonos fenícios e até de escoceses importados por Júlio Cesar. Segundo *Humboldt*, o basco é de origem uralo-áltica, mas *Collignon*, opinava serem eles uma variedade da raça mediterrânea.

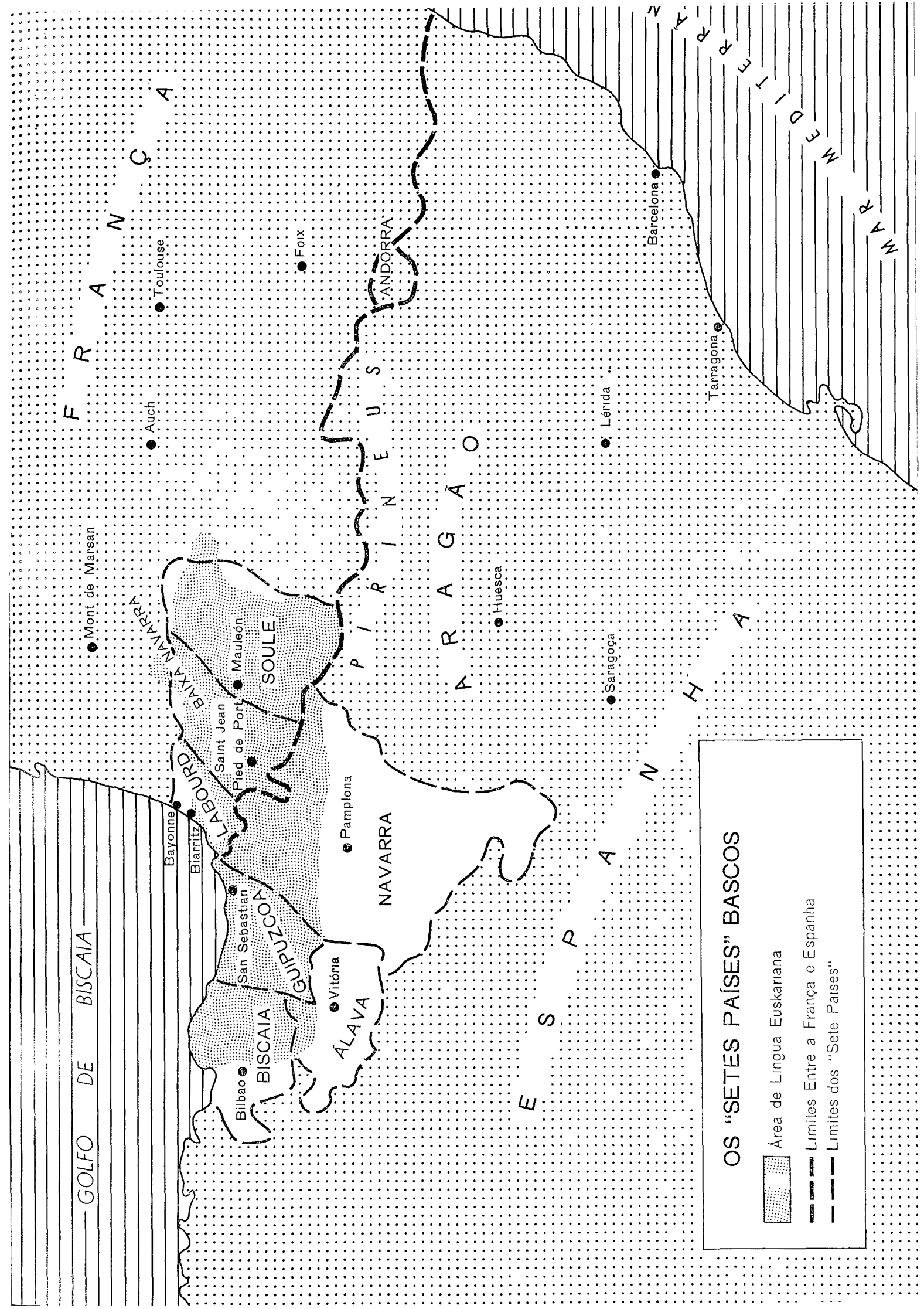
A sua *língua comum, o euskariano*, é a única, na Europa Ocidental, do tipo aglutinante, na qual freqüentemente ocorre a composição de elementos vocábulares em que os componentes guardam a significação, embora percam a individualidade fonética. Este idioma é pouco variado, mas mesmo assim, em tese, compreende *três dialetos principais*: laburdano (do Labourd), o biscaio e o guipuzcoano.

O euskariano não apresenta pontos comuns com nenhuma língua conhecida na Europa. Assim, alguns linguistas vêem nele certas aproximações com dialetos esquimós, japonês e, ainda, com o etrusco pouco conhecido. Consideram outros que seja o próprio *ibérico primitivo* proveniente das línguas neolíticas, como certos idiomas antigos da Ásia Menor e do Cáucaso.

Concordando com esta hipótese linguística, alguns antropólogos admitem que os bascos sejam originários de uma das numerosas tribos da antiga Ibéria que, acantonada nos Pirineus, não chegou a ser efetivamente submetida pelos invasores romanos, visigodos, nem árabes. Assim, enquanto a península e nela a Espanha, foi invadida por esses diversos povos, a Bascônia conservou-se livre e serviu de refúgio aos que vinham das áreas ocupadas. No isolamento forjaram a sua língua e costumes próprios.

Ligados ao passado, conservam os bascos, ainda hoje, a velha dança bastante rápida denominada *mochico*; seus instrumentos são o *tambor basco*, espécie de pandeiro e o *frajolé*, flauta típica.

Os exercícios físicos, aos quais dão tanta importância, desenvolveu-lhes a



GOLFO DE BISCAIA

FRANÇA

BAIXA NAVARRA

LABOURD

BISCAIA

ALAVA

GUIPUZCOA

NAVARRA

SOULE

ARAGON

ANDORRA

ESPAÑA

OS "SETES PAÍSES" BASCOS

Área de Lingua Euskariana

Limites Entre a França e Espanha

Limites dos "Sete Países"

Mont de Marsan

Auch

Toulouse

Foix

Huesca

Saragoga

Lérida

Tarragona

Barcelona

CATALUNYA

GOLFO DE BISCAIA

agilidade bem como a confiança em sua bravura. São excelentes soldados e não conhecem rivais nas guerras das montanhas. Ótimos desportistas, não dispensam a pelota basca, * jogada de dois modos. Em jôgo direto, quando os adversários se mantêm frente à frente, ou quando êstes se protegem por frontões. Os jogadores lançam a pelota com as mãos ou usam um instrumento — a chistera, objeto alongado e recurvado, fixo à mão por uma luva de couro sem dedos. Quando os jogadores dispensam a chistera, a peleja é travada apenas entre dois adversários; da outra forma denomina-se *joko-garbi*, e as equipes se constituem por dois ou três homens de cada lado da cancha ou terreno de jôgo. Há ainda uma terceira modalidade, o *rebot*, jôgo por excelência dos ancestrais bascos, semelhante ao tennis, com equipes de cinco jogadores de cada lado. Não dispensam as *batalhas de makhila*, espécie de bordão feito com madeira da ameixeira amarela, guarnecido com couro trançado, com o qual lutam corpo a corpo. Juntam-se a êsses esportes ainda outros, entre os quais o do lançamento de barras de ferro, denominadas *palankas* e o do *concurso de força*; neste último, o campeão basco Paolino Uzardum, conseguiu levantar seis vezes, no prazo de um minuto, um bloco de pedra cilíndrica de 132 quilos.

3 — O País Basco

O *Reino de Navarra* foi na realidade o núcleo geo-histórico do país basco estabelecido de ambos os lados dos Pirineus Ocidentais. A divisão política do país basco foi levada a efeito pela França e Espanha, através do *Tratado de Elizando* (1765), ratificado pela *Convenção de 1856*.

Perdendo sua liberdade, desapareciam os "*Fueros*" bascos, assembléias que se reuniam ao ar livre, à sombra de grandes árvores. Apesar do fato consumado, os bascos ignoram tal fronteira política e não aceitam de bom grado as leis franco-espanholas às quais se encontram submetidos. Os franceses e espanhóis são para êles elementos estrangeiros. Embora êsse separatismo seja reprimido, os bascos mantêm muitos de seus costumes, bascados no sentimento de pertencerem a uma nação à parte, não admitindo que outros se imiscuem em suas "leis" e querelas.

* A pelota basca é jogada com uma bola de boiacha bem dura da espessura de uma bola de gude, avolumada por envólucros de algodão e lã e recoberta por couro de cão, o único que não deforma; as dimensões, o peso e a dureza das pelotas variam segundo as várias modalidades de jogos a que se destinam.

O *direito de primogenitura* foi sempre mantido a despeito da lei sálica, seja qual fôr o sexo do primeiro filho. Consideram as terras como bens comuns e cada camponês *delimita a sua propriedade pelo arremesso de um machado* na direção dos quatro pontos cardiais; isto porque, segundo a lei natural — a cada um, segundo a força de seu braço. Possuem *uma bandeira*, que a França e a Espanha, consideram simples símbolo turístico, com fundo vermelho e adornada por uma cruz branca e a outra de Santo André; possuem ainda um *hino nacional* — o "*Guernikako Arbola*".

Se no passado atacavam os forasteiros, hoje são hospitaleiros; no entanto, uma boa parte do *folclore basco consagra-se em satirizar os estrangeiros*. Se Andorra vive, em grande parte, do turismo, no "país basco" apenas 5% da população vive dêle.

Dedicando-se inicialmente à *pescaria do bacalhau e baleia*, os bascos tornaram-se navegadores. Afirmam que seus ancestrais foram os pioneiros na travessia do Atlântico para chegarem à América; apontam com orgulho a *Sebastião el Cano* que, sendo basco, foi o continuador da viagem iniciada pelo português Fernão de Magalhães. Monopolizaram o comércio do cacau para a Espanha, através da *Real Companhia Guipuzcoana de Caracas*, fundada em 1728.

De corsários transformaram-se em excelentes contrabandistas em terra. Na fronteira franco-espanhola entre os "países bascos" o contrabando é atividade simpática. Com as restrições impostas pela França e Espanha, restringe-se hoje à ação de particulares; êstes contrabandeiam de tudo, desde alimentos, aos refugiados políticos e trabalhadores portugueses que se dirigem à França.

Já os *agricultores*, quando a terra lhes falta, imigram para o Brasil, Uruguai, Chile, Argentina e Estados Unidos. Neste último país, o *Estado de Nevada* é o preferido; para lá partem todos os anos cerca de 2 500 bascos, dos quais 500 são de origem francesa. Para êles, o governador *Laxalt*, de origem basca, conseguiu escolas e jornais em sua língua natal. Contratados para trabalharem por cinco anos, com passagem de ida e volta, muitos regressam à terra de origem, pois fazem questão de serem enterrados nos seus túmulos típicos de cova rasa, sem flôres, distinguidos apenas por um monumento circular onde é incrustada uma cruz de malta. Grande número de bascos se dirige para a Argentina, preferindo fixar residência nesse país sul-

-americano. Aí vários fizeram carreira política: *Eva Perón e o presidente Aramburu eram de origem basca.*

O *nacionalismo basco* passou a ser nos últimos tempos mais atuante no lado espanhol, onde, desde agosto de 1968, o *generalíssimo Franco* implantou o "estado de exceção". Vivem na *parte espanhola* (Biscaia-cap. Bilbao, Álava-cap. Vitória, Guipuzcoa-cap. San Sebastian e Navarra-cap. Pamplona) cerca de 2 milhões e meio de bascos; na *parte francesa* (Labourd-cap. Bayonne, Baixa Navarra-cap. Saint Jean Pied de Port e Soule-cap. Mauléon) apenas 200 mil. Os nacionalistas do lado espanhol se agrupam sobre a *sigla ETA* (Euzkadi Ta Askatatuna) que significa — O País Basco e sua Liberdade. Os bascos espanhóis são totalmente *separatistas* e o regime forte, implantado por Franco, faz com que o chefe do movimento mantenha-se incógnito. Já do lado francês, os bascos, chefiados por *Simon Haran*, estão filiados ao partido "*Enbata*", nome de um vento local que vem do mar; preferem, de um modo geral, o *federalismo*, mas estão prontos a apoiarem os bascos espanhóis caso se levantem. Emitem com mais liberdade as suas opiniões sobre a questão. Assim, afirma *Louhoshoa*, um rico basco-francês: "Só temos a esperteza a nosso favor.

Há 300 anos que nos ocupam, que nos deixam morrer de fome e que nos calam. É demais."

De fato, os "países bascos" do lado francês sofrem uma *crise econômica*, vivendo quase que exclusivamente da monocultura do milho. Já na parte espanhola, além da agricultura e pecuária, há *desenvolvimento industrial* (leite condensado, chocolate, peixe em conserva e metalurgia) concentrado nas imediações da fronteira francesa. *Bilbao*, a 30 km do mar é, além de centro siderúrgico, também local de indústrias químicas e construção naval. Já *Biarritz*, no lado francês, destaca-se como centro de veraneio procurado pelos turistas que desejam sol e ar puro.

Mas, as últimas *declarações de Simon Haran*, mostram que os nacionalistas bascos aspiram a um novo traçado em suas fronteiras: "Ter que prestar contas ao Estado Francês, Europeu, Espanhol ou Alemão, estamos pouco interessados nisso. Mas sabemos que o federalismo só poderá ser conquistado com derramamento de sangue. Nós, os velhos, depois de ter esgotado a luta pelo folclore e a cultura, tentamos todos os meios da política legal — hoje constatamos nosso fracasso. Os jovens não se atrapalharão com tão pouco. Eles começarão pelos postes telegráficos. Depois .."

A Colômbia e sua Tradição Política

DELGADO DE CARVALHO

1 — Feições Geopolíticas

O cunho regionalista que tem marcado até bem pouco tempo a política da Colômbia lhe foi ditado pelas suas condições geográficas. País montanhoso, com orla costeira relativamente estreita, a sua existência independente ficou localizada nos elevados vales situados entre três cordilheiras andinas paralelas. De difícil transposição, essas serras isolaram as comunidades colombianas durante séculos, e somente na segunda década do século atual pres- tou-se a aviação a ligar mais facilmente e mais rapidamente os centros da grande república andina. A vida social se expande quase exclusivamente nas zonas dos principais rios, o Madalena e o Cauca, ficando assim quase despovoado o Oriente, isto é, a zona equatorial baixa dos afluentes do Orinoco e do Amazonas.

O rio Madalena mede mais de 1 500 quilômetros e o rio Cauca é seu maior afluente, de extensão quase igual. É a via natural de acesso e, por isso, dotado de numerosos portos (La Dorada, Puerto Berrio, Puerto Wilches, Gamara); desemboca no Mar Caribe, em *Barranquilla*. Para o Amazonas corre o Uaupés, o Apaporis e o Putumayo, constituindo a fronteira meridional. Constituem estes rios o acesso que os departamentos do Oriente têm às regiões povoadas das Cordilheiras.

Como país tropical, a Colômbia não apresenta climas de estações bem marcadas. As chuvas são abundantes e apresentam dois períodos chuvosos anuais (abril e novembro). As diferenças de clima são salientadas pelas diferenças de altitudes. Puerto Berrio a 105 metros apresenta a média anual de 25°C, com oscilações de 25,3 a 25,7 entre o mês mais quente e o mês mais fresco; já Medellín a 1 500 metros com 21°C tem oscilações de 1,5°C. Quanto a Bogotá, a 2 660 metros de altitude, sua média é de 14,4°C.

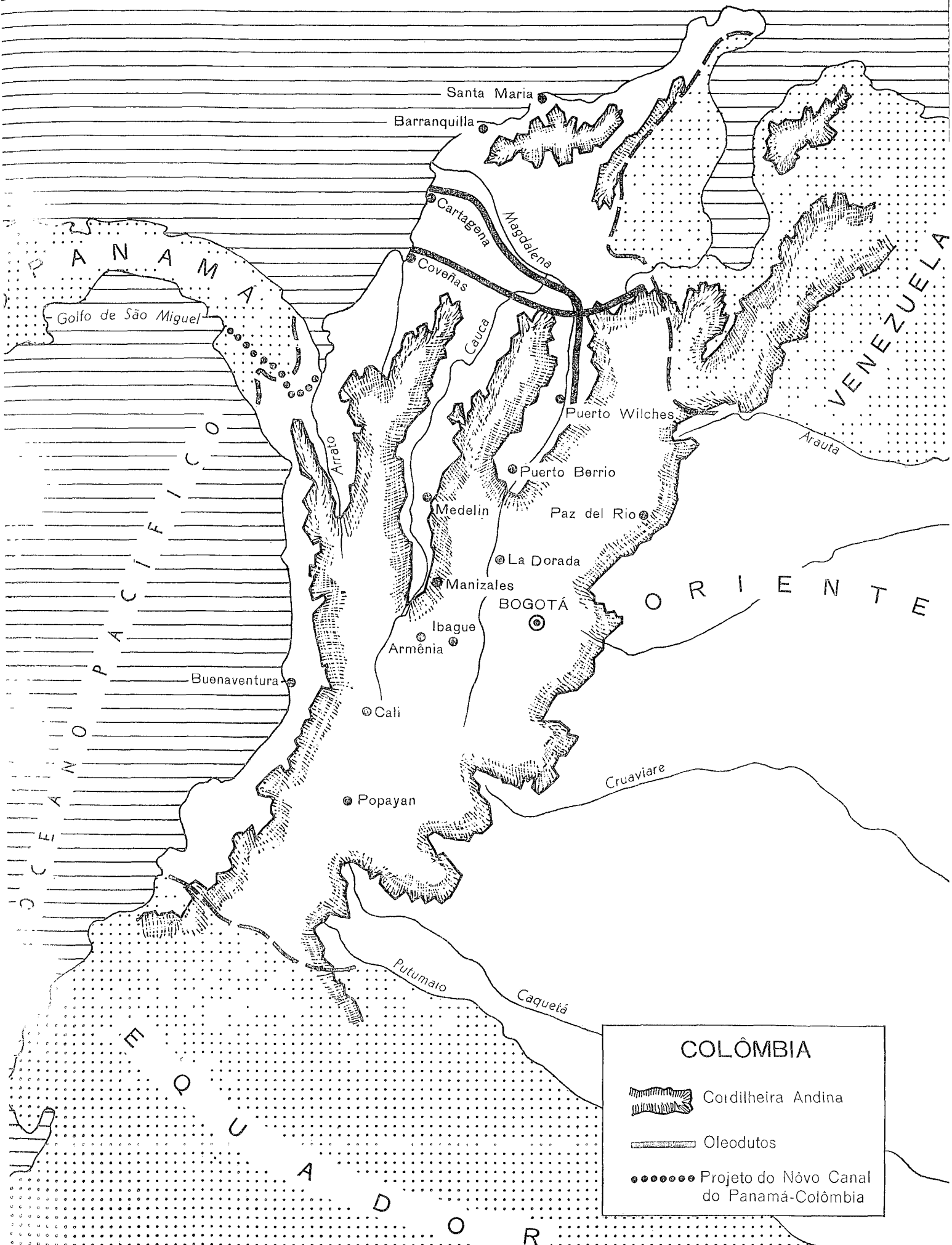
Nos seus vinte departamentos e nas demais divisões territoriais, a Colômbia, que contava 6 milhões de habitantes em 1920, recenseou, em 1964, 17,5 milhões. Cerca de 98% desta população se acha localizada na metade ocidental do país, isto é, na sua parte montanhosa. Na zona oriental se acham, não os departamentos, mas intendências e comissariados, como Letícia no Amazonas e Mitu, no Uaupés. São muito numerosas as cidades colombianas, pois 52% da população é urbana. Depois de Bogotá, que conta 1 697 000 almas no distrito, é Medellín centro industrial, a principal cidade; Cali no rio Cauca é centro de indústria açucareira. O pôrto marítimo e aeroporto principal, no Caribe é *Barranquilla*. Quanto a Cartagena é pôrto terminal do oleoduto. No Pacífico o pôrto é *Buenaventura*, ligado às regiões andinas por estradas de ferro, vem rapidamente ganhando importância.

Sob o ponto de vista hispano-americano, o povo colombiano, ou pelo menos a sua elite, é tido como o mais fiel herdeiro da cultura espanhola. (Colômbia é pátria do notável gramático Rufino Cuervo). Pela pureza de sua língua, pelo apêgo às tradições sociais e religiosas e talvez também pelo seu maior influxo de *sangue castelhana*, embora pequena a porcentagem da população branca pura, justifica-se a herança.




Nestas condições, um conjunto de qualidades determinou, na Colômbia, a formação de uma nação que, depois de formada, em 1830, evidenciou no continente uma maturidade política excepcional. Como as demais repúblicas, conheceu revoluções e ditaduras, mas foram poucas estas últimas e não foram populares. As suas convicções políticas parecem mais arraizadas e suas *ideologias* mais precisas, embora um tanto abaladas, nos últimos anos, por problemas novos.

O isolamento dos diferentes centros de povoamento, com interesses econômicos diversos, constituiu um fator de *diversidade política*, principalmente de *feudalismo*. Daí as várias constituições colombianas, alternativamente centralistas e federalistas. Apesar dos *regionalismos*, formou-se entretanto a *unidade nacional*. A ideologia política na Colômbia, de fato, diversificou-se em meados do século XIX com a formação do partido liberal, reforçado pela *Constituição de 1853*. Em suma, é um país de contrastes físicos, econômicos, sociais que o progresso vai aos poucos atenuando.

MAR DAS CARAÍBAS



COLÔMBIA

-  Cordilheira Andina
-  Oleodutos
-  Projeto do Nôvo Canal do Panamá-Colômbia

2 — Aspectos Geoeconômicos

Ao terminar a guerra da independência, tornou-se necessário procurar produzir novas mercadorias exportáveis, a fim de suprir as deficiências da produção mineira de *Antióquia* e de *Chocó*. Só assim poderiam ser adquiridas as importações indispensáveis de manufaturados. Todas as espécies de plantas tropicais foram tentadas, além do *algodão* e *fumo*. A última cultura a ser experimentada foi o *café*, modestamente plantado na Cordilheira Oriental em 1850. Este recurso, entretanto, só veio a se tornar elemento importante de exploração em 1880 e a abertura da *via férrea* do rio Madalena até Medellín revelou o valor das terras vulcânicas do *Antióquia* e do *Caldas*. Foi crescendo a sua exportação, chegando a ser a região de *Quindío* uma boa terra de café. As facilidades encontradas no planalto de São Paulo não existiam na Colômbia, onde as questões de transporte por animais era inevitável e onde também os métodos de cultura eram mais apurados. James Parsons, no "Focus" (VII,7) cita cotações de café de Manizalu, de 1956, que indicam, em Nova York o café colombiano a 80 centavos a libra, enquanto está a 60 centavos o tipo Santos. Normalmente, a diferença é muito menor.

Na Colômbia existe, também, a *United Fruit Company*, perto de *Santa Marta*, pôrto no Caribe. A principal cultura depois do café é a *banana*. Apesar da sigatoka, moléstia que arruinou as plantações em 1934, apesar da paralisação das exportações durante as guerras mundiais, e dos conflitos entre a Companhia e os trabalhadores, o pôrto de Santa Marta recuperou seu papel de principal exportador de bananas. O *fumo* é cultivado no departamento central de Santander. Já começaram a se tornar maiores e exportáveis as produções de *arroz*, *algodão* e *cana-de-açúcar*. A criação de gado passou a ser mais rendosa com o auxílio que lhe presta a aviação. Entre as raças bovinas de recente adaptação, está a *Holstein-Frisia*, criada na "Sabana" de Bogotá.

A Colômbia é um país rico em minerais e a mineração é uma de suas tradições coloniais. Em 1735, foi na Colômbia que se descobriu a *platina*. As minas de *ouro*, *prata*, *cobre*, *chumbo* e outros, foram recursos dos tempos coloniais. Hoje, 60% do ouro é produzido nas concessões estrangeiras. Existem grandes reservas de carvão e de ferro. A indústria do sal na costa caribe é monopólio do Estado. Quanto ao *petróleo* no vale médio do Madalena e no vale do Catatumbo que corre para a

Venezuela, é objeto de investimentos americanos (85%) e ingleses (15%) mas ainda não deu o que dêle espera a economia colombiana.

Verifica-se, em conclusão, que o papel desempenhado pelos *transportes* assume, na Colômbia, a condição essencial do desenvolvimento econômico na exploração de suas numerosas riquezas. De fato, pode-se considerar a data de 1920 como um ponto de partida, quando as "Aerovias da SCADTA" ligaram Barranquilla a Bogotá. Só da capital para Cali e para Medellín, viajam por mês mais de 25 mil passageiros. A distância de Bogotá a Medellín, que levava 24 horas a ser percorrida, hoje leva uma hora.

Não foi somente nas facilidades de comunicações e transportes que se deram as transformações econômicas. Houve uma alteração nas correntes comerciais com a construção de auto-estradas e de vias-férreas. Com a abertura do *Passo de Quindío*, entre Ibagué e Armênia, que era um obstáculo difícil de transpor, a zona do Alto Madalena e de Bogotá se tornou tributária do pôrto pacífico de *Buenaventura*; Medellín passou também a se servir deste pôrto e, em consequência, Buenaventura se tornou pôrto de exportação de 75% do café colombiano. Mudanças também vão se dando no tradicional percurso ferroviário para Barranquilla com os oleodutos que leva o petróleo para *Cartagena*, provenientes de Santander e de Santander-Norte.

A nova indústria metalúrgica, criada em *Paz del Rio*, nas isoladas alturas do departamento de Boyacá, está ricamente provida no local de minério de ferro, de cal, de carvão, mas para Cali ou Medellín o transporte de sua produção necessita de forte proteção tarifária.

3 — Evolução Histórica

Na ponte de Boiacá, a 7 de agosto de 1819, a *Nova Granada* havia sido definitivamente libertada da ocupação espanhola. Seus libertadores e primeiros governantes, Bolívar e Santander, sob o nome de Colômbia, reuniram os territórios venezuelanos colombianos e equatorianos. A união não sobreviveu e, em 1831, voltou a se separar de Nova Granada. Várias constituições se sucederam motivadas pelas reformas liberais que nelas iam sendo incluídas. Duas figuras políticas dominam a vida do país: o general Mosquera, chefe conservador que evolui para o liberalismo, exercendo o govêrno com métodos autoritários e o Dr. Rafael Nuñez, chefe liberal, que fomenta uma reação

conservadora e domina a política durante vinte anos. Mosquera havia sido federalista radical, Nuñez foi unitário.

Com a Constituição de 1886, os *Estados Unidos da Colômbia* passaram a ser a atual República da Colômbia, unitária e centralizada, embora com certa descentralização administrativa para satisfazer os interesses regionais de seus 20 departamentos, antigos Estados. Era uma vitória dos Conservadores, mas a cisão do partido nas eleições de 1930 proporcionou o triunfo dos liberais sob a presidência de *Olaya Herrera*. Sob o governo de Alfonso Lopez, foi assinado o Protocolo do Rio de Janeiro pelo qual, com a mediação brasileira, era finalmente resolvida a questão de Letícia, contestada pelo Peru. Sob esta segunda fase de regime liberal que durou 16 anos, (1930-1946) manifestaram-se novas tendências na política interna do país. As modificações efetuadas nos meios de comunicação atenuaram as reivindicações regionalistas e desapareceu o feudalismo. No campo religioso, o primitivo anticlericalismo dos liberais se tornou tolerância e indiferença. De outro lado, desenvolveram-se consideravelmente as preocupações econômicas e sociais, tanto mais que o advento dos liberais coincidia com uma época de depressão e de crises financeiras. As despesas feitas pelos governos conservadores para saldar cêrca de 200 milhões de dólares de empréstimo a entidades governamentais, as relações tensas com os Estados Unidos a respeito do Panamá, a inflação e a queda dos preços do café, constituíram elementos que afetaram profundamente a economia colombiana no período de entre guerras.

As duas presidências de *Alfonso Lopez* (1934-1938 e 1942-1945) foram marcadas por reformas sociais. Quanto a *Eduardo Santos*, jornalista distinto, além de consagrar seu quadriênio (1938 — 42) ao melhoramento da agricultura e à incipiente industrialização, teve que enfrentar as delicadas circunstâncias determinadas pela Segunda Guerra Mundial, pois a posição geográfica da Colômbia, na proximidade do Canal de Panamá, tornava a neutralidade colombiana uma questão de importância para os Estados Unidos. Os liberais, como Lopez e Jorge Gaitán consideravam perigoso qualquer compromisso com os Aliados. De fato, o elemento alemão dominava o serviço de aviação; na SCADTA trabalhavam pilotos oficiais da reserva alemã e Cartagena, sua base, era uma ameaça para a zona do Canal. Em 1940, esta empresa foi substituída pela AVIANCA colombiano-americana. Em compensação, o partido conservador, liderado

por *Laureano Gomes* era um tanto pró-nazista e, seguindo a inspiração de Madrid, criticava a política pró-aliada de Eduardo Santos. Quando os Estados Unidos entraram na guerra a Colômbia rompeu as relações diplomáticas com o eixo e obteve melhor colocação para os seus produtos, café, petróleo, bananas e intensificação dos serviços sanitários americanos contra a febre amarela. Em fins de 1943 Alfonso Lopez, de volta ao poder, entrou no conflito, mas, em 1945, renunciou diante da oposição levantada contra êle pelos ultra conservadores em várias camadas sociais. Coube a *Lleras Camargo*, antigo ministro e diplomata restaurar o prestígio dos liberais, embora cindidos em dois partidos, com Jorge Gaitán na ala esquerda. Nas eleições de 1946, venciam por isso os conservadores e seu representante Ospina Perez procurou governar com ambos os partidos, pois no Congresso permanecia uma minoria liberal. Mais difícil ainda se tornava a situação de Ospina com a hostilidade entre o intransigente chefe conservador Laureano Gomes e o socialista liberal Gaitán que se digladiavam, obrigando o governo a recorrer ao estado de sítio e a se desfazer de seus ministros liberais que tinha no seu gabinete de conciliação.

Foi durante esta luta partidária, em que Bogotá hospedou a 9.^a *Conferência Pan-Americana*, que se deram os distúrbios de 9 de abril de 1948, culminando no assassinato de Jorge Gaitán, seguido de forte reação liberal, auxiliada de elementos extremistas. Injustamente suspeito, Laureano retirou-se num "exílio voluntário". Nas eleições de 1949, tendo se afastado o candidato liberal, foi eleito sucessor de Ospina, o conservador *Laureano*.

Não foi feliz a administração conservadora durante o mandato de Laureano: coincidiu com as guerrilhas nas zonas rurais, os movimentos terroristas na capital, o incêndio dos jornais (*El Tiempo*, *El Espectador*) e de casas de políticos liberais. O presidente planejava uma reforma constitucional reforçando o Executivo e tornando o Senado semicooperativo. A ala conservadora mais moderada, liderada por Ospina, não concordou com os planos e nas eleições os liberais boicotaram a votação. Em meados de 1953, uma coligação auxiliada pelo Exército derrubou Laureano, que se retirou para Espanha, onde encontrou seu amigo, o general Franco. O autor do golpe, general *Rojas Pinilla*, foi então eleito presidente pela Assembléia. A mudança de governo não melhorou a situação. Por falta de experiência e tendência autoritária, o novo regime foi ditatorial e pouco esclarecido. A queda das cota-

ções de café complicaram a situação e Pinilla renunciou. Um dos maiores serviços que este militar prestou à Colômbia foi de provocar a junção dos liberais e dos conservadores, adversários desde 1930, mas ligados então na oposição, e prontos a se entenderem para restaurar o regime de ordem e de paz que havia feito da Colômbia a república hispano-americana modelo político do continente (1957).

Lleras Camargo, antigo ministro, embaixador e reitor da Universidade dos Andes, chefe liberal, foi então à Espanha entrar em contato com o chefe conservador retirado e concluiu com ele o *Pacto de Sitges*. Foi este o acôrdo que criou a Frente Nacional de 1958. Os dois partidos se comprometeram a observar durante 16 anos uma forma política que atribuía alternativamente a presidência a um e a outro partido; na administração, os cargos seriam igualmente desempenhados por representantes dos dois partidos.

Neste mesmo ano de 1958, Lleras Camargo foi eleito para o governo de um país que necessitava importantes reformas.

4 — A Última Década

Com a administração de Lleras Camargo, voltava a Colômbia ao seu regime tradicional de democracia ordeira e de liberdades públicas. Entrava em execução o seu plano decenal de reformas econômicas e sociais, na *Aliança para o Progresso* e para a Aliança contratada em Punta del Este. Estabilização do pêso, austeridade, cortes de importações foram obra de novo *Conselho Nacional de Planejamento*. Voltaram os Estados Unidos a cooperar com a Colômbia.

Lleras Camargo ligava-se também à solução do grande problema latino-americano da *reforma agrária*. No censo de 1960, 62% da população proprietária ocupa 4,5% das explorações rurais. Grandes extensões de solo produtivo não são cultivadas. O plano de Lleras era localizar 50 mil famílias em terras devolutas do Estado. De um lado, recusavam os camponeses abandonar os locais que ocupavam; de outro, protestavam os proprietários contra a ocupação de seus latifúndios, embora com indenização. Próximo entre dois fogos, o governo de Lleras instituiu a INCORA (Instituto Colombiano de Reforma Agrária). Alguns *tugúrios* (favelas) das grandes cidades foram evacuadas e, em 1963, já tinham sido construídas 64 mil casas novas. O governo de Lleras Camargo deu também forte impulso à educação criando escolas novas

De acôrdo com o Pacto de Sitges, foi apoiada pelo presidente liberal a eleição do conservador *Leon Valência* para o quadriênio de 1962-66. A frente nacional levava assim ao governo um candidato pelo qual os conservadores chefiados por Laureano se tinham recusado a votar. Pinilla havia tentado se impor nas urnas com uma nova "Aliança Popular".

Menos experiente em administração do que Lleras Camargo, Valência não deu adequado seguimento às obras iniciadas pelo seu predecessor. Era, entretanto, auxiliado por um deputado economista, *Sanz Santamaria*, seu ministro da Fazenda. A sua atuação foi apoiada pelo *Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento* que passava a substituir os Estados Unidos nos planos de investimentos nos Estados-Membros da ONU. Tendo, porém, recrudescido alguns distúrbios, o ministro da Guerra, Ruiz Novoa foi enérgico, mas bem sucedido. Criticou o governo do qual fazia parte e teve que se retirar. Nas eleições de 1964, foi marcada a derrota dos partidários de Valência. Já começava, então, além do estado de sítio, a legislação por decretos.

Numa terceira aplicação do *Pacto da Frente Nacional* assumiam o governo os liberais, sob a presidência de Carlos Lleras Restrepo, primo de Lleras Camargo (1966). Economista e redator de *El Tiempo*, tinha sido perseguido quando Gaitán foi assassinado. Apesar da falta de apoio encontrado no Congresso, ele tomou em mão o programa econômico de Lleras Camargo e prosseguiu na fixação de 50 mil famílias em lotes rurais. Nos Estados Unidos chamavam-no de "desenvolvimentista". Com a aprovação da *Cúria* de Bogotá e seguindo a linha conciliar, não exitou em estabelecer relação diplomática com a *União Soviética*. Nas eleições de março de 1968, o governo de Restrepo obteve 144 cadeiras na Câmara contra as 60 da oposição, o que garantirá uma reforma constitucional, modernizando o Estado e reforçando o Executivo. Esta reforma, entretanto, em vista da atitude do Senado, havia levado Restrepo a enviar a sua renúncia que, aliás, foi recusada por mais de dois terços dos senadores.

A visita de Lleras Restrepo a Washington marcou a primeira recepção feita a um presidente latino-americano pelo presidente Nixon. Foi de grande proveito a exposição feita ao chefe de Estado americano, que se manifesta empenhado em estreitar os laços de Boa Vizinhança com a América Latina.

